

O Corpo Psíquico e Histórico no Trabalho: Corpo Subjetivo e Corpo-Si

*The psychic and historic body at
work: Subjective Body and Selfbody*

Ana Cláudia Leal Vasconcelos, Hélder Pordeus Muniz

Resumo

Christophe Dejours – um dos autores fundamentais da Psicodinâmica do Trabalho – e Yves Schwartz – um dos autores principais da perspectiva ergológica – têm oferecido contribuições importantes à discussão sobre corpo e subjetividade no âmbito da Psicologia do Trabalho. Dejours fala em um segundo corpo, um corpo subjetivo (pensante e erótico) que se constrói a partir de um primeiro corpo biológico e orgânico; Schwartz, por sua vez refere-se a um corpo-si que integra uma sinergia entre biológico, psíquico e histórico. Pretende-se, neste artigo, apresentar uma reflexão sobre como esses teóricos avançam em relação a concepção de corpo e em que aspectos se aproximam e/ou se afastam.

Palavras-chave

Corpo e subjetividade, corpo e trabalho, subjetividade e trabalho.

Abstract

Christophe Dejours – the main author of Psychodynamics of Work – and Yves Schwartz – author of ergological perspective – have offered important contributions to the discussion regarding the body and subjectivity within the Psychology of Work. Dejours talks about a second body, a subjective body (thinking and erotic). Schwartz talks about a body that integrate biology, psychology and history. The objective of this paper is to do a reflection on advances, similarities and differences between the concept of body to these two authors.

Keywords

Body and subjectivity, body and work, subjectivity and work.

Ana Cláudia Leal Vasconcelos

**Universidade Federal do
Amazonas (docente) e
Universidade Federal
Fluminense (doutoranda)**

Professora Assistente da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

anaclealv@bol.com.br

Hélder Pordeus Muniz

**Universidade Federal
Fluminense**

Professor associado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Pós-doutor em Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Doutor em Engenharia de Produção na Coppe (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

heldermuniz@uol.com.br

Introdução

Um dos problemas importantes para a psicologia do trabalho é a questão do corpo e da subjetividade. Christophe Dejours, um dos autores fundamentais da Psicodinâmica do Trabalho e Yves Schwartz, um dos autores principais da perspectiva ergológica, têm oferecido contribuições importantes para o desenvolvimento dessas questões. Ambos têm como referência indispensável a Ergonomia da Atividade que, ao se aproximar do trabalho humano em situações reais, revelou que o trabalho efetuado não corresponde ao trabalho esperado. Seja qual for a situação, sempre haverá uma distância entre o trabalho prescrito (trabalho pensado teoricamente e antecipadamente) e o trabalho real (trabalho feito por alguém em determinado momento).

Dejours e Schwartz avançam, a partir da concepção de defasagem entre prescrito e real, propondo o trabalhar como enfrentamento dessa defasagem. A ideia de um meio infiel (SCHWARTZ) ou de um real que se faz conhecer pelo sujeito que trabalha (DEJOURS) conduziu esses teóricos à análise dos processos envolvidos na realização do trabalho, ou seja, à análise sobre como os trabalhadores lidam com o real, como fazem a gestão das infidelidades. Nesse sentido, foram elaboradas as concepções de uso da inteligência da prática (DEJOURS, 1993; 2011; 2012a; 2012b) e gestão pelas dramáticas do uso do corpo-si (SCHWARTZ, 2010; 2014).

Para além das condições e da organização do trabalho, os teóricos da Psicodinâmica do Trabalho e da Ergologia, ao se aproximarem da atividade, depararam-se com a singularidade e a complexidade da pessoa que trabalha. O que se encontrou entre a inesgotável defasagem prescrito-real foi o fazer que, por mais que seja realizado por uma pessoa, é sempre coletivo e sempre implica algo de singular. Além disso, em movimentos de aproximação e afastamento da noção de subjetividade, teorizaram sobre os processos experienciados por aqueles que estão implicados no trabalhar. Dejours convoca uma subjetividade ancorada e constituída a partir do corpo. Ao propor o termo corpo-si, Schwartz, por sua vez, introduz uma alternativa à concepção de subjetividade, evidenciando uma entidade que se apresenta por inteiro – corpo, alma e história.

Ao corpo é conferido um lugar central para analisar o pensar, o sentir e o agir. Incorpora-se o que há de biológico/orgânico no corpo; mas, acima de tudo, supera-se o dualismo cartesiano e fala-se em uma unidade soma-psi que se constrói/produz a partir do encontro com o real, em um mundo infiel. Entendemos que tanto Yves Schwartz quanto Christophe Dejours propõem que o corpo que encontra o trabalho é um corpo marcado por experiência; psique e história encarnadas em um corpo orgânico com suas potencialidades e limitações. Dejours fala em um segundo corpo, um corpo subjetivo (pensante e erótico) que se constrói a partir de um primeiro corpo biológico e orgânico; Schwartz, por sua vez, fala em um corpo-si que integra uma sinergia entre biológico, psíquico e histórico. Nesse artigo, tentaremos refletir sobre como esses teóricos avançam em relação à concepção de corpo, e em que aspectos se aproximam e/ou se afastam.

A subjetivação do mundo a partir o corpo biológico: o eu-corpo em Christophe Dejours

No sentido de avançar na compreensão da concepção de corpo – que não é o corpo objetivo, estudado pelos biólogos –, Dejours (2012a) recorre à Psicanálise – em especial aos textos de Freud e Laplanche – e à Filosofia, a partir da Filosofia Primordial de Maine de Biran e reflexões de Michel Henry. A partir dessas referências, Dejours propõe-se a construir uma

1

As resistências orgânicas são as próprias resistências do corpo, ou seja, a resistência do músculo e sua tendência à inércia que se opõe ao movimento voluntário.

2

A resistência externa é a resistência do mundo material ao movimento voluntário

metapsicologia do corpo. Nessa empreitada, expõe um processo que vai do corpo biológico/fisiológico a um segundo corpo, um corpo subjetivo. O início da constituição desse segundo corpo dar-se-ia logo no início da vida, quando o bebê deixa de ser passivo e de se comportar apenas instintivamente.

Tanto a partir da psicanálise quanto da filosofia biraniana, o corpo biológico é apresentado como ponto de partida para o desenvolvimento do pensamento, da individualidade, da subjetividade. Inicialmente, portanto, há sempre o corpo da criança funcionando instintivamente.

Em acordo com a Filosofia Primordial de Maine de Biran, Dejours (2012a) sinaliza para a mudança substancial que ocorre quando os sons vocais da criança (gritos, choro), que inicialmente eram emitidos instintivamente, passam a ser emitidos voluntariamente, com intenção de pedir socorro. A partir dessa emissão voluntária do som, a criança percebe sua individualidade, sua vontade que se expressa para fora. E, os sons que, antes eram emitidos por impulso do instinto sensitivo, passam a ocorrer por um esforço da motricidade, de forma espontânea. A criança passa a ouvir ao tempo que sente os esforços vocais que faz para vencer a resistência do corpo e do meio, assim, tem percepção redobrada de sua atividade, percebe causa e efeito no seu feito. Esse seria o primeiro momento de reflexão, no qual a criança, ao perceber o feito, percebe-se enquanto um corpo individual e sujeito desse processo. Essa primeira reflexão conduz à atividade intelectual propriamente dita. O desenvolvimento do pensamento implica, portanto, o corpo, visto que o Eu seria o corpo presente para si mesmo, seria um eu-corpo (DEJOURS, 2012a).

Na teoria biraniana, portanto, o conhecimento imediato do Eu dá-se a partir de um esforço desejado. A vontade depara-se com as resistências orgânicas¹ e a resistência externa². Assim, como esse movimento voluntário sempre encontra resistência, demanda a realização de um esforço. E, é esse esforço que permite que se reconheça a vontade, o próprio esforço e a si mesmo. É, portanto, um esforço sensível que possibilita a apercepção imediata de si próprio, a emergência do Eu. Nasce, então, um segundo corpo que, diferentemente do corpo orgânico originário, tem consciência de si. O nascimento do pensamento, da inteligência dar-se-ia nesse processo. Esse corpo apropriado pelo sujeito torna-se um corpo propriamente subjetivo (DEJOURS, 2012a).

Ao considerar teoria biraniana solipsista, Dejours (2012a) recorre à teoria da sedução generalizada de Laplanche para avançar na discussão desse eu-corpo, incorporando a relação com os outros e a construção do inconsciente. A partir de Laplanche, Dejours propõe que é na relação desigual entre a criança e o adulto que se constrói na criança um segundo corpo – o corpo erógeno. Mas, é também a partir dessa relação que se constitui o inconsciente.

A partir da Teoria da Sedução Generalizada de Laplanche, a sexualidade é introduzida como propulsora da emancipação do Eu em relação à ordem biológica. Nessa perspectiva, a ideia de uma Sedução Generalizada³ refere-se às mensagens emitidas, inevitavelmente, pelo adulto na relação desigual com a criança. Refere-se, portanto, à produção da subjetividade da criança na relação desigual com um outro (adulto), que implicará na produção de um corpo erótico (DEJOURS, 2012a).

A construção desse corpo erótico inicia-se bem cedo, antes da linguagem, quando ocorrem as primeiras comunicações desiguais entre o bebê e o adulto, durante os cuidados com a higiene e com a alimentação desses bebês. As concepções de apego – comportamentos, de agarramento, busca de colo e calor no contato com o corpo adulto – e retrieval – comportamento de cuidados por parte dos adultos – são introduzidas para apresentar essa primeira forma de comunicação. Entre o apego e os

3

Diferente da concepção de sedução restrita que Freud apresentou, inicialmente, sobre os atos cometidos pelo adulto sobre as crianças que implicariam em organizações psicopatológicas, a ideia da Sedução Generalizada refere-se às mensagens emanadas do inconsciente sexual dos adultos, durante os cuidados com as crianças, e que demandam trabalho de interpretação por parte destas

cuidados dispensados às crianças, ocorre essa primeira forma de comunicação. E as mensagens enviadas pelos adultos são, inevitavelmente, carregadas de conteúdos eróticos, mesmo que inconscientes.

Nessa relação desigual com o adulto, o recém-nascido, assim como a criança, descobre o seu corpo e a afetividade; o corpo é o mediador da relação entre o adulto e a criança; o corpo é sinalizado como local geométrico a partir do qual se expande progressivamente a subjetividade. Assim, parte-se inicialmente de uma demanda instrumental: cuidados para o desenvolvimento do corpo biológico do recém-nascido e da criança. Entretanto, esses cuidados acabam por provocar sensações, prazer, desejo, excitações; enfim, a dimensão erótica emerge. A partir do momento que a criança começa a experimentar, descobrir e conhecer seu próprio corpo, ela se transforma. Nasce assim, um segundo corpo, o corpo erótico a partir do primeiro corpo fisiológico (DEJOURS, 2012a).

Dejours (2012a) refere que as mensagens, comprometidas com conteúdos da sexualidade do adulto, ao serem recebidas pelas crianças, transmitem-se em exigência de trabalho de tradução para a criança, trabalho de tradução da mensagem e de sua dimensão enigmática. E, por mais que as crianças se empenhem na tentativa de traduzir essas mensagens, as traduções sempre serão imperfeitas e incompletas. O material não traduzido pelas crianças originarão as fontes pulsionais que participarão da formação do inconsciente da criança. Esse processo de criação do inconsciente da criança é descrito, pelo autor, da seguinte forma:

Os resíduos não traduzidos não deixam de insistir e de pedir um retorno, de suscitar assim novos ensaios e assim indefinidamente: em função da especificidade das traduções tentadas pela criança, são sedimentados resíduos que se singularizam como fonte de excitação autônoma: objeto-fonte da pulsão, é assim que são qualificados por Laplanche, para lembrar que antes de tornar-se fonte, na origem, eles foram carreados do exterior, pelo adulto (DEJOURS, 2012a, p. 104).

Tem-se, portanto, o surgimento do Eu e do pensamento, a partir do processo de tradutibilidade, enquanto se implanta o inconsciente no corpo, a partir do não traduzível, que se torna fonte da pulsão.

Ao articular psicanálise à filosofia biraniana, Dejours (2012a) refere que a psicanálise instala o sexual no princípio mesmo do pensamento, ao passo que a filosofia introduz a ideia de um esforço voluntário que implica na apercepção e formação do Eu. Pela apercepção e pela tradutibilidade, tem-se o pensamento, e o corpo deixa de responder exclusivamente às necessidades fisiológicas. A criança revela que passa a usar a boca não apenas para se alimentar, mas também para satisfação de seu prazer; ao fazer isso, descobre que não é escrava de seus instintos e necessidades, então, busca ser sujeito de seu desejo. Assim, uma por vez, as partes do corpo tornam-se zonas erógenas, tendo suas funções fisiológicas subvertidas no sentido da construção do corpo erótico.

Apesar da indiscutível distância entre os processos descritos por Freud e Maine de Biran, Dejours (2012a) sinaliza para a convergência dessas teorias no que se refere à formação de um eu-corpo, em outros termos, do segundo corpo que se desprende do corpo biológico⁴. E no sentido de articular essas duas teorias de duplicação do corpo, incluindo tanto o prazer como o pensar do segundo corpo, Dejours (2012a, p.93-94) refere que:

Na concepção freudiana, a usca pelo prazer sexual, que está no princípio da sexualidade, supõe a mobilização de uma ação. A pulsão, por sua meta, sempre define uma ação, e realiza a mediação para que se encontre um caminho particular para procurar, ou mesmo obter, o prazer. Ora, essa ação

4

O corpo biológico refere-se ao corpo do instinto em Maine de Biran e ao corpo da autoconservação em Freud.

é, antes e fundamentalmente, uma ação corporal, que implica a mobilização de um querer. O que mostra Maine de Biran é que esta ação voluntária, este esforço, está também fundamentalmente no princípio do pensamento. Ao assumir essa dimensão não percebida por Freud do que implica a busca, ou mesmo a repetição voluntária do prazer, é possível realizar a ligação do sexual com o pensamento, em outros termos, a busca da excitação (desagregação) com o pensamento (ligação) na esfera mesmo do corpo pensante. Forma mais sofisticada, sem dúvida, do autoerotismo biológico de repetição, o que não ajuíza corretamente o que fundamenta a especificidade do erotismo em relação à ação reflexiva.

De Maine de Biran, *Dejours* incorpora, portanto, a ideia de que é a partir do esforço voluntário que se constrói o Eu, pela apropriação progressiva do corpo, e que se possibilita a emancipação do sujeito em relação à ordem biológica. Da Teoria da Sedução Generalizada, estaria na sexualidade a possibilidade de emancipação do Eu em relação à ordem biológica. Entretanto, se tanto a sexualidade quanto o esforço sensível abarcam corpo e pensamento, a diferença está no fato de a sexualidade conferir um lugar essencial ao outro: “a teoria do esforço é solipsista, a teoria da sedução é comunicacional” (DEJOURS, 2012a, p.99).

A partir dessa compreensão de como se constrói o corpo subjetivo – isto é, pensante e erótico – o corpo é evidenciado como o princípio da subjetivação no mundo. É do corpo que advém o pensamento, legitimado por uma história particular que confere irreduzível singularidade, faz com que seja diferente de todas as outras histórias. Ou seja, é o corpo que, afetivamente, experimenta a vida; e, essa experiência afetiva mobiliza o pensamento. Assim, é do próprio corpo que provém a genialidade de um pensamento, ou seja, na medida em que o corpo é posto à prova, sua sensibilidade, sua erogeneidade são mobilizadas e produzem o pensamento, a criatividade. A subjetividade incorpora tempo e história, a partir dos registros de sensibilidade vividos pelo corpo; esta sensibilidade mais ou menos desenvolvida, mais ou menos variada marca a construção histórica do eu-corpo (DEJOURS, 2012a).

A sinergia entre biológico, psíquico e histórico: o corpo-si para Yves Schwartz

Apesar de se afastar da noção de subjetividade, Schwartz evidencia o corpo como marcado por historicidade e singularidade. Ele refere-se a uma entidade que denomina corpo-si, na qual, além do biológico, estão inscritos o psíquico e o histórico. Da mesma forma que *Dejours* – ao recorrer à filosofia primordial biraniana e à psicanálise – parte de um corpo biológico/fisiológico para discutir a construção de um corpo subjetivo, é também em um corpo biológico/fisiológico, dado no nascimento, que Schwartz aporta a construção do Si. Um corpo que chega ao mundo, marcado pela genética, por limitações e potencialidades.

Para falar desse corpo, Schwartz recorre a Canguilhem que parte da ideia de que os corpos vivos possuem, desde o princípio, sistemas autorreguladores, cuja dinâmica está inscrita em um código genético, uma ordem biológica primordial. Entretanto, esses vivos são considerados inacabados, e as doenças seriam as provas de que nada do que é vivo é acabado. Nascerem aptos a viver, mas, sem garantias de consegui-lo por completo. Assim, é introduzido, na concepção do processo saúde-doença, um corpo compreendido em sua potência, um corpo biológico que traz em si uma busca pela saúde, genética e indeterminada (SCHWARTZ, 2011; CANGUILHEM, 2005).

Esse corpo vivo é entendido como um existente singular, constituído por poderes mais ou menos amplos, a depender da saúde que se tem. Esse corpo é introduzido no mundo, exposto a um meio no qual, em primeiro lugar, ele não tem escolha. Nesse sentido, Canguilhem (2005, p.42) introduz a ideia de que esse corpo é um corpo dado, visto que é um genótipo, possui a singularidade dos componentes de um patrimônio genético. “Desse ponto de vista, a verdade de sua presença no mundo não é incondicional”. Entretanto, a inserção no meio faz desse corpo dado também um corpo produzido. Os modos de vida, escolhidos ou impostos, dão forma ao seu fenótipo: modificam a estrutura morfológica, singularizando ainda mais suas capacidades (CANGUILHEM, 2005).

Schwartz (2010) avança a partir dessa ideia de corpo dado e corpo produzido. Ele refere que existe um nível do Si que é o corpo inserido na vida, o corpo que torna os humanos parte do mundo da vida, juntamente com os outros animais. Entretanto, esse corpo vai sendo produzido, sendo formado de maneira que não é, de modo algum, algo de “puramente biológico”. É um corpo que está, desde o nascimento, inserido em uma cultura, que muito diferente do meio vivo, é um meio atravessado por valores, histórias, conflitos, normas antagônicas.

O corpo dado, portanto, ao chegar ao mundo, encontra um mundo infiel com normas que não são suas normas, são impossíveis de atender e são invivíveis a esse corpo. Encontra-se um meio vivo, infiel aos organismos; e um meio cultural, infiel aos viventes humanos.

Assim, ao ser lançado em um meio vivo, o corpo biológico faz regulações, esforça-se por compensar as normas desse meio – que é anterior a sua própria existência – a partir de suas próprias normas biológicas limitadas e potentes. Canguilhem (2005) atribui a todo organismo uma capacidade congênita de manter o controle e o equilíbrio; e recorre à teoria da “homeostase” da fisiologia para explicar esse processo:

Um organismo comporta, pelo simples fato de ser um organismo, um sistema de mecanismos de correção e de compensação de desvios ou dos danos sofridos, em relação ao mundo no qual ele vive, em relação ao seu meio, meio a respeito do qual a existência desses mecanismos de regulação lhe permite levar uma existência relativamente independente (CANGUILHEM, 2005, p.78).

Entretanto, o corpo não é lançado apenas em um meio vivo; ele é inserido em um meio cultural, repleto de valores e normas que não são próprios da vida biológica, normas antecedentes (anônimas e anteriores à inserção deste corpo no mundo). E, assim como o meio vivo é invivível exatamente como é, demandando regulações, as normas antecedentes do meio cultural também são impossíveis de serem vividas *ipsis litteris*. O sujeito tentará, incessantemente, reinterpretar as normas que lhe são apresentadas, configurando o meio como o seu próprio meio; ele tenta recentrar (mesmo no infinitesimal) o meio em torno daquilo que são suas próprias normas.

São feitas escolhas para dar conta do que falta; e, em parte, transgridem-se certas normas, distorce-as. Assim, entre as exigências oriundas de fora pelas normas antecedentes e aquelas advindas das próprias normas da pessoa, dá-se um debate de normas que culmina com a reinvenção das normas, ocorre uma renormatização. As renormatizações, balizadas por valores, vão ocorrendo, atribuindo sentido à vida, construindo uma normatividade. Não há apenas uma sujeição ao meio, mas também uma transformação do meio e de si mesmo. A vida não é algo produzido pelo meio, mas a constante tentativa de criar-se parcialmente, de se colocar como um centro em um meio (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008).

Cada pessoa lida com as lacunas do seu modo, da sua maneira pessoal de reagir, confere ao meio uma dimensão bastante ressingularizada, desanonimando-o. As normas, os saberes e os valores vão se acumulando e sendo reprocessados, permanentemente, na sua própria história. O corpo-si inicia um trabalho permanente sobre si mesmo (SCHWARTZ, 2011; SCHWARTZ, 2010; DURRIVE; SCHWARTZ, 2008).

Nesse sentido, Schwartz introduz a ideia de um corpo que também é histórico, trata-se de um histórico funcionando em alquimias, a partir do debate de normas. Mas, essa história, além da história construída na relação com um meio social, é também a história psíquica, ancorada no singular, na experiência de vida de cada pessoa. A esse respeito, Schwartz (2014, p. 264) refere que se faz negociação de dramáticas próprias que:

[...] opera como agir de um corpo físico pessoal, um corpo desejante, em permanente tentativa de “composição” e de apropriação desse seu suporte de vida, a fim de responder aos encontros e provas. É no cerne desse corpo-si singular que se infiltra a relação variável de cada um com um “mundo de valores” que vai além dele, mais ou menos, a depender da pessoa.

Schwartz (2010) faz referência a Freud, ao falar do psíquico no corpo-si, sinalizando para a construção da psique, a partir da inserção em um mundo que ele não criou, no qual ele é mortal, e há todos os tipos de normas, regras e leis com as quais seu desejo deve se defrontar.

A vida, portanto, é uma sequência de debates de normas que se fazem necessários porque sempre é impossível e invivível seguir, estritamente, as normas antecedentes. Desde o nascimento, o corpo-si é colocado à prova e se reconfigura via sucessivos debates de normas. Para discutir como esses debates se ligam entre si e insemam valores no mais profundo do corpo-si, Schwartz (2014, 2011) usa o termo encaixamento – em analogia às bonecas russas (matrioshkas) que se encaixam umas dentro das outras. Para ele, o corpo-si, singularizado desde o nascimento, mas disponível, ao mesmo tempo, por múltiplas possibilidades a viver, é colocado à prova e se historiciza a partir de sucessões de debates de normas encaixados. Essas acumulações de debates de normas conferem condições para enfrentar o que há de se viver pela frente, aí estaria a experiência.

O corpo-si é, a um só tempo, história, memória sedimentada e vetor de singularização. É um corpo integrado, graças ao processo dinâmico que constitui a história de cada ser neste corpo encarnado, material; graças à enigmática sinergia dessas heterogêneas faculdades. Esse encaixamento de normas não é possível de ser controlado pelo sujeito; a busca dessa sinergia atravessa o consciente e o inconsciente, o verbal e o não verbal, o biológico e o cultural. Assim, sempre haverá algo de enigmático na significação da ipseidade (SCHWARTZ; ECHTERNACHT, 2007; SCHWARTZ, 2011).

A problematização do corpo conforme algumas propostas de organização do trabalho

As contribuições empreendidas por Dejours e Schwartz, ao evidenciarem o corpo psíquico e histórico no trabalho, sinalizam para os riscos em abordar a relação entre formas de organização do trabalho (como a taylorista-fordista) e um suposto corpo físico ou, de outra feita, excluir o corpo das reflexões sobre o trabalho considerado imaterial, cognitivo e psíquico.

Ao abordar a organização do trabalho taylorista-fordista, Dejours (1992) vai chamar a atenção para como ela não apenas afeta um suposto

corpo físico, mas ataca também o aparelho psíquico. A exigência de repetição de uma prescrição, em um ritmo imposto pela organização do trabalho, materializada por vezes na própria linha de montagem, é uma repressão à dimensão cognitiva que auxilia a estruturar o aparelho psíquico e a psicomotricidade. A Organização Científica do Trabalho buscou evitar o saber-fazer do trabalhador que permitia, no artesanato, que ele fizesse as regulações necessárias entre os movimentos do corpo e eficácia do trabalho. Dejours lembra a imagem de um edifício, onde a base seria o corpo; metade seria a atividade cognitiva e intelectual, e o teto seria o aparelho psíquico. A repressão dessa atividade cognitiva implicaria na destruição dessa arquitetura.

Porém, anos depois, Dejours (1993) vai focar sua atenção no fato de que, mesmo no taylorismo, há um investimento dos trabalhadores na transformação da tarefa prescrita, o que faz com que a organização do trabalho real seja diferente da organização do trabalho prescrita. Segundo esse autor, é exatamente uma inteligência do corpo que vai produzir a possibilidade de criação de novas formas de trabalhar, a partir da transgressão ao prescrito.

Schwartz (1987) também se dedicou a alertar que, na verdade, o taylorismo não tinha abolido a dimensão subjetiva do trabalho, por isso, vai propor a ideia de dramáticas de uso de si por si e por outros, para falar que não há apenas execução, mas “uso”; e que o “si” retrata não apenas um pedaço do corpo, mas potencialidades amplas dos trabalhadores envolvidos.

Assim, nas décadas de oitenta e noventa do século XX, esses dois autores para sinalizam para dois riscos: a concepção de que os efeitos do taylorismo fossem apenas corporais, e a crença de que só o corpo era utilizado nesse tipo de organização do trabalho porque a mente e o psiquismo não apareceriam.

Entretanto, após a crise do taylorismo-fordismo, com o surgimento de novas formas de organização de trabalho e o aumento do setor de serviços frente ao setor industrial, uma nova armadilha surge para a análise, como se o trabalho passasse a ser apenas imaterial, cognitivo e psíquico. O corpo começa, então, a desaparecer de algumas análises do trabalho que vão se embasar de um referencial cognitivista que separa a cognição da emoção e das fantasias psíquicas. Surge, então, a necessidade de afirmar essa inseparabilidade mente-corpo só que agora chamando a atenção para a palavra “corpo”. Daí a estratégia de Schwartz (2014) de começar a utilizar a expressão “dramáticas de uso do corpo-si” para nos lembrar o tempo todo de que não se trata de relacionar dimensões que são separadas, porque elas já são uma coisa só. Dejours (1993) também atentou para isso quando explicou que uma das características da inteligência do corpo é estar presente em todas as atividades, inclusive as intelectuais.

Considerações finais

As concepções eu-corpo (corpo subjetivo) e corpo-si afirmam uma inseparabilidade entre corpo e mente. A própria concepção de inteligência não é assumida como uma cognição separada das emoções e dos afetos.

Um aspecto que parece ser comum às duas concepções é que, desde o primeiro momento que esse corpo é inserido no mundo (meio vivo, meio social, meio cultural), ele é posto à prova. Isto porque o corpo é inserido em um mundo que é anterior a ele, a suas normas; e, isso demanda esforço: o esforço desejado do corpo diante das resistências orgânicas e externas, diria Maine de Biran; os esforços de interpretação das mensagens do adulto conforme a psicanálise; e os esforços do corpo para recentrar o invivível a partir de suas próprias normas, como ensina Schwartz. O esforço é

convocado, portanto, como um sinalizador de que, mais do que uma adaptação, o corpo no mundo é ativo em um processo que implica a transformação do meio em que é inserido, ao passo que constrói a si mesmo. Esse esforço seria, para Canguilhem, o próprio processo de luta pela saúde e pela vida.

Outro aspecto que parece merecer atenção refere-se ao afeto e aos valores. Uma particularidade da teoria dejouriana é a concepção de que o conhecimento do real chega à consciência por intermédio de uma experiência afetiva, por uma surpresa desagradável. Nessa perspectiva, é sempre, afetivamente, que o real do mundo inicia sua manifestação para o sujeito, confrontando-o, impondo a passividade absoluta do sentir. E estaria nesse experimentar afetivamente a vida a mobilização do pensamento. Como referido, para Dejours, seriam os registros de sensibilidade que, mais ou menos desenvolvidos, marcam a história do eu-corpo. Dejours avança, portanto, no que se propôs: construir uma metapsicologia do corpo. Ele apresenta os processos envolvidos na construção do pensamento, do inconsciente e de como a inteligência vai sendo construída de forma enraizada no corpo.

Schwartz, por sua vez, confere centralidade aos valores. Para ele, as normas próprias que o indivíduo se coloca para tratar o impossível/invivível têm raízes em saberes e valores acumulados e reprocessados, permanentemente, na sua própria história. A atividade é entendida sempre como um debate de normas entre um corpo-si e um meio saturado de valores. Valores que podem ser da ordem do político, da ética ou das relações interpessoais. Os valores sempre estão agindo e ultrapassam as emoções, hierarquizando-as e explicando sua intensidade. Nesse sentido, o autor sinaliza que há valores determinantes para as pessoas, pelos quais elas lutam; e são esses valores que perturbam o corpo, a alma e suscitam as emoções. O real afeta o sujeito, mas o afeta a partir de valores precedentes.

Na nossa opinião, as diferenças entre essas duas concepções não são necessariamente excludentes. É esse corpo pensante, erótico, psíquico e histórico que encontra o trabalho, com todas as suas competências, afetividade, valores. É um corpo biológico/fisiológico em toda sua incompletude; balizado por uma genética que o singulariza em suas próprias limitações e potencialidades; que se autorregula conjugando as normas de um meio vivo a suas próprias normas; que se esforça/luta pela sua vida. Nesse corpo biológico, está enraizado um psíquico que se constrói com toda sua complexidade, consciente e inconsciente. E que, a partir de valores, debates de normas, afetividade historiciza-se; desenvolve criatividade, pensamentos, conhecimento, competências; enfim, emerge daí uma inteligência prática; uma inteligência do corpo que é convocada no trabalho.

A psicologia do trabalho beneficia-se dessa problematização, uma vez que passa a compreender porque trabalhadores de serviço apresentam muitos problemas osteomusculares, lesões de esforço repetitivo que, supostamente, só apareceriam em trabalhos na indústria; bem como, também ao perceber que não são só acidentes de trabalhos e doenças ocupacionais que são produzidos em setores industriais, porque há sofrimento psíquico também. Além disso, a compreensão de uma experiência do trabalhador em sua atividade só é possível, se considerarmos que ele não é apenas uma máquina corporal que recebe comandos da gerência capitalista, como um disco rígido de um computador que vai obedecer rigorosamente a um programa. O corpo dos viventes humanos são espaços de debate de normas que, por sua vez, operacionalizam valores. Por isso, estudar a atividade humana auxilia a compreender a produção da história na medida em que esta não se restringe às normas antecedentes produzidas pelo mercado e pelos governos. Assim, o desafio da psicologia do trabalho é como, metodologicamente, abordar a atividade humana, sem

cair nas separações corpo-alma, explorando essas mobilizações de um corpo-subjetivo ou corpo histórico no trabalho.

Sobre o artigo

Recebido: 10/06/2016

Aceito: 20/07/2016

Referências bibliográficas

- CANGUILHEM, G. **Escritos sobre a Medicina**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- DEJOURS, C. **Trabalho Vivo. Sexualidade e Trabalho**. Vol.1. Brasília: Paralelo 15, 2012a.
- DEJOURS, C. **Trabalho Vivo. Trabalho e Emancipação**. Vol.2. Brasília: Paralelo 15, 2012b.
- DEJOURS, C. Inteligência Prática e Sabedoria Prática: duas dimensões desconhecidas do trabalho real. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Tradução: Franck Soudant. Brasília: Paralelo 15, 3ª. Ed. rev.amp, 2011, p.381-407.
- DEJOURS, C. Inteligência Operária e Organização do Trabalho: A propósito do Modelo Japonês de Produção. In: HIRATA, H. (Org.). **Sobre o “Modelo” Japonês**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1993, p.294-309.
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5ª. Ed. Ampliada. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.
- DURRIVE, L.; SCHWARTZ, Y. Revisões temáticas. Glossário em ergologia. **Laboreal**, Porto, v04, n. 01, p.23-28, 2008.
- SCHWARTZ, Y. Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. **Letras de Hoje**, v. 49, n. 3, p.259-274, 2014.
- SCHWARTZ, Y. Qual sujeito para qual experiência? **Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v.5, n.01, p.55-67, 2011.
- SCHWARTZ, Y. Capítulo 7. Trabalho e uso de si. In: SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L. (Coord). **Trabalho e Ergologia. Conversas sobre a atividade humana**. Tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde, 2ª. Edição, Niterói, 2010, p.189-204.
- SCHWARTZ, Y. Travail et usage de soi. In: BERTRAND, M. et al. **Je: sur l’individualité**. Paris: Messidor-Editions Sociales, 1987, p. 181-207.
- SCHWARTZ, Y. ; ECHTERNACHT, E. H. O trabalho e a abordagem ergológica: “usos dramáticos de si” no contexto de uma central de tele-atendimento ao cliente. **Informática na Educação: teoria e prática**, Porto Alegre, v.10, n.2, p.9-23, 2007.